

TRANSIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA PARA A FASE ADULTA NA ÓTICA DE ADOLESCENTES

ADOLESCENTS' VIEW OF THE TRANSITION FROM ADOLESCENCE TO ADULTHOOD

TRANSICIÓN DE LA ADOLESCENCIA PARA LA EDAD ADULTA EN LA PERCEPCIÓN DE ADOLESCENTES

*Adelita Campos Araújo^I
Valéria Lerch Lunardi^{II}
Rosemary Silva da Silveira^{III}
Maira Buss Thofehr^{IV}
Adrize Rutz Porto^V*

RESUMO: Este estudo teve como objetivo compreender a percepção dos adolescentes acerca do processo de adolecer. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, realizada com 10 adolescentes em um colégio estadual de uma cidade no sul do Rio Grande do Sul, em 2007. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e, posteriormente, optou-se pela análise temática, emergindo os temas: *percepção dos adolescentes acerca do processo de adolecer, respeito aos limites no adolecer e enfrentamento da separação dos pais*. Assim, a adolescência, neste estudo, foi reconhecida como um período que exige maturidade, responsabilidade, autonomia, respeito aos limites, por parte dos adolescentes. No tocante a algumas dificuldades vividas pelos adolescentes, a separação dos pais foi caracterizada como um momento de sofrimento, solidão e mudanças no modo de ser, de comportar-se e de estabelecer relações com os outros.

Palavras-chave: Enfermagem; saúde do adolescente; comportamento do adolescente; adolescente.

ABSTRACT: This study aimed to understand adolescents' perceptions of the process of being adolescent. This qualitative, exploratory study was conducted in 2007 with ten teenagers at a state college in a town in southern Rio Grande do Sul. Semi-structured interviews were conducted and, subsequently, thematic analysis, from which there emerged the themes: *adolescents' perceptions of the process of being adolescent, respect for limits in adolescence, and coping with parents' separation*. In this study, adolescence was thus recognized as a period that requires adolescents display maturity, responsibility, autonomy, and respect for limits. As regards difficulties experienced by adolescents, parents' separation was characterized as a time of suffering, loneliness and changes in their manner, their behavior and how they build relationships with others.

Keywords: Nursing; adolescent health; adolescent behavior; adolescent.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo conocer la percepción de los adolescentes sobre el proceso de la adolescencia. Este fue un estudio cualitativo y exploratorio, realizado con 10 adolescentes en un colegio del estado de una ciudad en el sur de Rio Grande do Sul-Brasil, en 2007. Fueron realizadas entrevistas semiestruturadas y, más tarde, se optó por el análisis temático, en que surgió los temas: *percepción de los adolescentes sobre el proceso de la adolescencia, respeto a los límites del proceso de la adolescencia y afrontamiento de la separación de los padres*. Así, la adolescencia fue reconocida como un período que requiere madurez, responsabilidad, autonomía, respeto a los límites, por parte de los adolescentes. Acerca de las dificultades experimentadas por los adolescentes, el divorcio de los padres se caracterizó como un tiempo de sufrimiento, de soledad y de cambios en la manera de ser, de actuar y establecer relaciones con los demás.

Palabras clave: Enfermería; salud del adolescente; conducta del adolescente; adolescente.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano que se caracteriza por alterações físicas, mentais e sociais, que recebem interpretações

e tratamentos distintos, dependendo do momento e da cultura na qual o sujeito está inserido. Entretanto, a adolescência na modernidade tem o sentido de uma

^IMestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande. Professora da Faculdade de Medicina e Enfermagem da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: adelitacam@hotmail.com.

^{II}Doutora em Enfermagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vlunardi@terra.com.br.

^{III}Doutora em Enfermagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: anacarol@mikrus.com.br.

^{IV}Doutora em Enfermagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mairabusst@hotmail.com.

^VMestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: adrizeporto@gmail.com.

moratória, período extenso de vivência pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta¹.

Nesse sentido, é importante enfatizar que a experiência evolutiva do adolescer tem se realizado em meio às transformações intensas e rápidas da sociedade construída pela indústria cultural. Os adolescentes estão inseridos em um cenário que dissemina desigualdades sociais, a cultura do descartável, a banalização das experiências, a espacialidade virtual, entre outros.

Desse modo, devemos pensar que a saúde do adolescente implica em cogitar sobre as múltiplas maneiras de viver, e também refletir as práticas e a educação em saúde que se voltam para essa população significativa da sociedade².

Assim, este estudo objetivou compreender a percepção de adolescentes sobre o processo de adolescer.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Constituição Federal do Brasil (art. 227) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³, da Lei 8.069/90, reconhecem a adolescência como o período que vai dos 12 aos 18 anos incompletos. No entanto, tais etapas podem ser consideradas arbitrárias, pois as peculiaridades podem variar de acordo com aspectos econômicos e culturais da sociedade onde o adolescente se desenvolve.

Essas circunstâncias sociais em que vivem os adolescentes, com o aumento do período de formação escolar e a competitividade do mercado profissional, favorecem aos jovens permanecerem na condição de adolescentes, ou seja, dependentes da família e distanciados das decisões e responsabilidades da vida adulta.

O processo de adolescer saudável suscita atenção, pois em nosso cotidiano as transformações culturais e sociais ocorrem de maneira acelerada, de maneira que os adolescentes fazem parte não apenas da sociedade como também são corresponsáveis por essas mudanças ocorridas em nosso meio. Logo, pode-se dizer que existem diferentes experiências adolescentes que, embora com elementos em comum, não dependem somente de questões orgânicas ou econômicas, mas também do contexto psicossocial onde este adolescente vive^{4,5}. Nas classes sociais menos favorecidas, por exemplo, o adolescer tende a começar e a terminar mais cedo, enquanto que em outras mais favorecidas acontece também mais cedo, mas termina tardiamente⁶.

METODOLOGIA

O estudo teve abordagem qualitativa e exploratória, sendo desenvolvido em uma escola estadual localizada no sul do Rio Grande do Sul. Participaram do estudo 10 adolescentes, obedecendo aos critérios de seleção: estar na faixa etária entre 12 e 18 anos; concordar em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), juntamente com seu responsável legal; e aceitar o uso do gravador no decorrer das entrevistas.

As entrevistas semiestruturadas tiveram o número de sujeitos determinados pelas repetições dos dados, isto é, quando os dados de forma mais consistente produziram informações redundantes⁷. Fizeram parte da entrevista questões como: O que é adolescência para ti? O que é para ti ser um adolescente saudável? Achas que o adolescente tem algum tipo de dificuldade nesse período da vida?

O desenvolvimento deste estudo obedeceu aos preceitos éticos, segundo a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde⁸, e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande, sob o Parecer nº 30/2007, e o anonimato dos participantes da pesquisa foram garantidos, com a sua identificação por números crescentes seguido das letras F e M de acordo com o sexo, como, por exemplo: F (feminino), M (masculino).

A coleta dos dados aconteceu entre os meses de agosto a outubro de 2007. Os dados foram gravados, transcritos, ordenados, classificados e interpretados por meio de análise temática⁹. Ao realizar a categorização dos dados, destacaram-se os seguintes temas: a percepção de adolescentes sobre o processo de adolescer; respeito aos limites; e o enfrentamento da separação dos pais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção dos adolescentes acerca do processo de adolescer

Na adolescência, algumas alterações importantes começam a acontecer, quando os adolescentes demonstram refletir sobre seus atos, com responsabilidade e maturidade:

[...] tive que ser mais adulto, [...] deixar as brincadeiras de criança para o lado [...] saber pensar [...] o que estava certo e errado, o que eu achava das coisas. (M9)

Antigamente tu não tinhas responsabilidade, teus pais resolviam tudo para ti, mas chega uma hora que tu tens que fazer as coisas por ti mesmo [...] quando tu és menor: Mãe, eu quero isso! Tua mãe vai lá e faz. Agora não, se tu queres, tu vais lá e faz. [...] Eu tenho que sair, tem prova do colégio, fazer trabalho, tenho que dar um jeito de fazer tudo. Eu descobri, no caso, como é que eu

posso me mandar entre aspas. Eu decido uma coisa que vai ser para mim. Hoje eu vou fazer isso e isso! Quando eu era pequena, eu não fazia isso. (F1)

A adolescência pode caracterizar-se também por essa transição representada por estar entre o ainda ser criança e o ainda não ser adulto. Logo, podemos referir que a adolescência transmite a ideia de que o indivíduo está em transformação, estabelecendo seu processo de vida, o que contribuirá para sua autonomia e responsabilidade¹⁰. Assim, as famílias compõem fronteiras mais maleáveis, permitindo ao adolescente aproximar-se e ser dependente quando não consegue dirigir sua vida sozinho, e se afastar e conhecer desafios, com níveis crescentes de independência, quando se encontrar preparado¹¹. É comum, também, nessa fase, o adolescente muitas vezes sentir-se confuso, pois, ao mesmo tempo em que deseja ser adulto, quer voltar a ser criança, fato este que caracteriza este período de transição típico da adolescência:

[...] às vezes eu quero ser maior, para poder ter a minha casa, ninguém me mandando. Outras vezes quero voltar a ser criança de novo para poder brincar. Parece que fica feio tu ficar brincando, correndo na rua (risos) o que vão pensar daquela guria grande brincando [...] sempre gostei de ficar montando coisas, brincar na rua, correr, eu acho que fica meio estranho [...] muitas vezes eu quero ser maior [...]. (F10)

[...] brincava muito [...] mas agora não, agora eu não tenho mais essa frescura de brincar de boneca [...] porque, imagina uma pessoa, uma guria de 14 anos fazendo brincadeira. (F7)

[...] para mim está sendo bom, melhor do que na parte de ser criança [...] porque as pessoas confiam mais em ti. (M8)

As crianças necessitam comportar-se de maneira apropriada em relação à sociedade na qual se encontram inseridas: “na adolescência, de acordo com as vivências e as experiências, o cérebro sofre *saltos cognitivos*, numa adaptação às exigências do meio em que vive”^{12:54}.

Assim, o adolescente, recém se desfazendo de alguns comportamentos infantis, pode perceber-se, muitas vezes, tendo atitudes pueris, mas vendo-se frente à sociedade, querendo principalmente ser aceito por seus pares, recua, preterindo desejos que ainda fazem parte do seu imaginário infantil, que poderiam ser vistos por seus pares e familiares como inadequados em relação à fase que está vivenciando.

A confiança depositada no adolescente por parte da família é de suma importância, pois é a sua primeira entidade socializadora. Assim, algumas características desse segmento social têm influência direta nas peculiaridades do adolescente, tanto no seu modo de relacionar-se na própria família, quanto na sua relação com o ambiente externo.

Respeito aos limites no adolescer

Os participantes da pesquisa enfatizaram a importância de curtir essa fase da vida, respeitando li-

mites no que se refere aos horários, aos ambientes e modos de se comportar:

Adolescência? É uma idade em que todos os adolescentes têm que se divertir [...], mas também tem que ter limite naquilo que faz [...] voltar para casa cedo, avisar para os pais a hora que sai e a hora que volta [...] saber se comportar. (F6)

Os adolescentes *solicitam limites* por ainda não estarem suficientemente maduros para tomarem decisões e porque o *limite* pode subsidiá-los na organização da sua mente. Os adultos, às vezes, não os impõem pelo fato de lhes ser mais conveniente, pois colocar limites implica em conter o adolescente, aguentar e resistir às suas reivindicações e protestos⁶. Os limites são importantes, mas não podem ser impostos, devem ser fruto de um consenso entre adultos e adolescentes, com um motivo de ser e uma razão que o adolescente entenda¹².

Sendo assim, o fato de negociar algumas ações pode ser encarado por pais e responsáveis como algo que vai não apenas beneficiar o adolescente, mas também oportunizar a ele questionamentos e reflexões acerca das suas condutas, o que lhe possibilitará amadurecimento, experiência e noção do motivo pelo qual os pais optaram por demarcar dada situação experienciada.

Nesse sentido, os adultos podem não se sentir seguros para conferir restrições, quando necessário, pois na sua própria adolescência podem ter experimentado o sentimento de repressão, passando a ter dificuldades com seus filhos adolescentes⁶. Desse modo, a insegurança por parte dos pais pode advir de lembranças da sua adolescência, quando condutas consideradas normais nesse período da vida foram visualizadas por seus responsáveis como atos inadequados, merecendo punições e coibições. Essa vivência pode dificultar o enfrentamento da imposição de limites, no qual os pais passam a não saber como agir com seus filhos e talvez busquem alternativas de como conduzir a situação de maneira que a história não se repita com seus adolescentes. Logo, para que os adolescentes transitem por essa fase de forma tranquila, é importante a família mostrar-se flexível, forte e hábil para enfrentar as modificações surgidas nesse período da vida de seus filhos¹¹.

Uma alternativa seria o adulto se colocar no lugar do adolescente, percebendo que as mudanças são inúmeras e as dúvidas constantes. Sendo o esclarecimento fundamental para que o adolescente entenda o limite não apenas como uma forma proibitória de realizar algo, ou pelo fato de os pais serem superiores, mas que a realização da sua vontade naquele momento pode ser prejudicial à sua vida.

Em meio a tantas diversidades encontradas no universo adolescente, alguns comportamentos presentes nesse período da vida foram apontados pelos alunos:

Acho que é a rebeldia, às vezes ficamos confusos, não sabemos o que vamos fazer. Muitas vezes tem muitos adolescentes que não aceitam o que os pais querem para nós [...] acho mais complicado. (M9)

O fato de os adolescentes não aceitarem, muitas vezes, imposições ou opiniões dos pais relaciona-se à busca pela independência. Logo, aceitar determinados conselhos e auxílios dos pais torna-se uma tarefa difícil, pois o adolescente procura justamente o contrário, ou seja, deseja solucionar seu problema sozinho, mesmo não dispondo do amadurecimento necessário para tal conduta. Não quer ser visto como uma criança que ainda precisa de ajuda e suporte. Esse tipo de impasse é percebido como um ato de rebeldia por parte do adolescente.

As variações de humor são constantes, merecendo destaque frente à complexidade do adolecer, como se pode ratificar através das respostas que se seguem:

Vário muito de humor toda hora [...] Uma hora estou feliz, rindo, outra já estou bem séria, outra já estou brava [...]. (F10)

Como se sabe, na adolescência ocorrem mudanças hormonais importantes, o que pode propiciar alterações de humor e rebeldia. O adolescente vive a mistura desses sentimentos, paralelo às suas mudanças físicas, contribuindo para a sua fragilidade. O comportamento agressivo do estudante na escola, com a família e no seu círculo social, tão recriminado e detestado, aparece em resposta à sua desordem interna¹².

Nesse sentido, têm sido causa de algumas inquietações por parte dos pais: a rebeldia do adolescente; essa labilidade do seu temperamento, a influência dos amigos, os conflitos escolares e o começo das relações sexuais¹³.

Acho que depende do que está acontecendo em casa, no colégio [...] influencia. Em mim, não influencia em nada, mas acho que, ao todo dos adolescentes, influencia bastante. (F4)

Através do exposto, não apenas os hormônios são responsabilizados por ocasionar mudanças no humor dos adolescentes; problemas ou situações vivenciadas em casa, na escola, isto é, no meio em que eles encontram-se inseridos, podem influenciar de maneira significativa nas suas mutações do humor. Assim, consideramos importante visualizar o adolescente não apenas como corpo e mente, mas vê-lo numa integralidade, atentando também para o que pode estar enfrentando, como doenças, problemas na família, dificuldades financeiras. Nesse período da vida, os sentimentos evoluem de maneira instantânea e o adolescente não os compreende e pode não ter habilidade suficiente para lidar com essa combustão de pensamentos e anseios que domina a sua existência¹².

Outra dificuldade apontada pelos entrevistados é a falta de compreensão de alguns adolescentes acer-

ca da sua situação de vida, principalmente no que diz respeito a questões financeiras:

[...] tem um pouco de dificuldade de compreender o que é a vida de verdade, o que uma mãe passa para adquirir as coisas para dentro de casa, para te dar uma roupa. Isso, o adolescente não dá bola às vezes, acha que é fácil, Eu quero isso, e quero porque quero!. E aí a mãe vai lá e dá!. (M9)

Alguns adolescentes podem apresentar esse tipo de comportamento, ou seja, não visualizarem as dificuldades enfrentadas pelos pais na busca por proporcionar-lhes conforto e desenvolvimento adequado. Os adolescentes também aparentam não refletir sobre: Como meus pais conseguem manter nossa casa? Quais são seus maiores gastos conosco? O que devemos priorizar nas compras? Esses questionamentos quando realizados, por todos os membros da família, poderiam ajudar na redução de gastos e esclarecer ao adolescente a necessidade de controlar seu consumo, estimulando-o a encontrar maneiras de adquirir o que deseja, sem exageros econômicos. Essa conduta poderia evitar frustrações, pois nem sempre as condições de vida do adolescente podem satisfazê-lo.

O último discurso nos faz pensar acerca dos valores. Parece que alguns adolescentes não têm o hábito de valorizar o esforço de seus pais na conquista de elementos importantes para um viver saudável, ou, até mesmo, não foram instigados tenramente a apreciar pequenos gestos e comportamentos que, muitas vezes, podem dar um maior sentido à vida, como: conservar amizades, ser honesto com as pessoas e nas suas atitudes, não valorizar excessivamente o consumismo.

O cultivo pela valorização de pequenos gestos e sentimentos poderia ser trabalhado desde a infância, quando a criança encontra-se numa fase propícia para abstrair atitudes positivas ou parece estar mais aberta a incorporar ações adequadas. Uma maneira simples seria a estimulação por filmes infantis que tratam da generosidade, alegria, honestidade, compreensão, amizade, nos quais personagens encenam comportamentos e condutas objetivando auxiliar na formação da índole da criança, futuro adolescente.

Enfrentamento da separação dos pais

Um aspecto bastante presente na fala dos entrevistados foi o sofrimento ocasionado pela separação dos pais, vivida por cinco adolescentes, e por conflitos em relacionamentos afetivos, sobressaindo sintomas como: não sentir vontade de fazer nada, manter-se quieto, não falar com ninguém, choro, inapetência e o surgimento de alguns questionamentos *internos*, de desesperança na busca por respostas para as dificuldades vivenciadas:

[...] senti muito, porque eu era o filho mais apegado nele, a gente sempre andava junto. Eu senti muita falta

de início, como qualquer pessoa [...] essa época aí quando o meu pai separou, foi [...] o momento que mais marcou [...] eu não sentia vontade de fazer nada, não tinha graça de nada, e aí ficava quieto no meu quarto [...] não falava com ninguém [...] me fechei. (M9)

O fato de o adolescente, no último relato, não sentir vontade de fazer nada, de isolar-se no quarto, com sentimentos de sofrimento e, até mesmo, de desesperança, parece evidenciar sinais e sintomas não apenas de tristeza, mas de depressão, possivelmente decorrente da situação vivenciada pela separação dos pais. Atualmente, a depressão entre adolescentes é considerada comum e pode debilitar, tornar-se recorrente, sendo capaz de desencadear morbidade e mortalidade, constituindo-se em um dos problemas de saúde pública de maior relevância, mesmo percebendo-se o recente interesse científico pela doença nessa fase da vida¹⁴.

Alguns fatores ambientais podem ocasionar depressão, e isso dependerá da vulnerabilidade e da etapa pela qual o adolescente está passando. Fatores como: morte de um de seus pais, separação dos pais, agressão sexual ou física, maus-tratos, exclusão racial, cobranças escolares, dificuldades na iniciação sexual, podem gerar processos depressivos¹². Quando ocorre a depressão, alguns desses sintomas podem ser experimentados pelos adolescentes: interesse diminuído, humor deprimido e irritado, perda ou ganho de peso, insônia, fadiga, acentuado sentimento de culpa, capacidade de concentração prejudicada e pensamentos de morte¹⁵.

A influência da carência paterna no decorrer do desenvolvimento de um filho é um assunto bastante delicado. Paralelamente aos muitos aspectos particulares de cada caso, é imprescindível analisar o seu impacto no desenvolvimento não apenas comportamental, mas psicológico e intelectual dos adolescentes¹⁶. Os adolescentes destacaram, em diferentes momentos, a separação dos pais como um fenômeno que lhes trouxe sofrimento e mudanças no seu modo de ser e sentir:

Horrível, acho que foi a pior fase da minha adolescência. Todos os dias eu chorava, todos os dias [...] em casa, antes de dormir, eu sempre chorava, eu sempre rezava para que eles voltassem. (F4)

A separação dos pais gera transtornos, seja ausência paterna ou materna, podendo ocasionar uma lacuna com a falta de um genitor que possa efetivamente auxiliar o adolescente em diversos momentos importantes de sua vida. O adolescente pode passar por aquele período conturbado, ou, há possibilidade do quadro depressivo retornar, quando o indivíduo tem predisposição genética, uma vez que, sofrido o primeiro episódio depressivo, ele poderá ficar vulnerável a outros eventos iguais ao vivido, além de acontecerem mudanças nos níveis neuroendócrinos, o que favorecerá o retorno de casos depressivos frente a diversas fontes estressoras¹⁷.

Os adolescentes já experienciam sofrimentos relacionados às grandes modificações associadas ao seu desenvolvimento como um todo. Além disso, têm dificuldades em lidar com uma situação adicional de tensão, ocasionada pela separação dos pais. A desordem familiar e a separação dos pais são alguns dos problemas que precisam ser encarados pelos nossos adolescentes¹⁸.

Assim como os adolescentes não se sentem bem com tal situação, o enfrentamento dessa problemática também se torna difícil para os pais, dificultando um posicionamento adequado frente a essa nova etapa de suas vidas, ou seja, os pais podem não saber lidar com essa nova circunstância. Nesse sentido, entende-se como necessário o apoio profissional, seja através da orientação educacional oferecida pela escola, seja apoio psicológico fornecido na Atenção Básica, com o intuito de amenizar os conflitos que possam atrapalhar o processo de adolecer saudável.

Do mesmo modo, é relevante a busca pela elaboração e implementação de políticas públicas junto aos adolescentes, visualizando o mesmo como um todo, ou seja, não apenas percebendo situações de viés econômico, de aprendizagem, de mudanças comuns nessa fase, mas que o planejado possa versar sobre questões de difícil enfrentamento pelos jovens, como: a separação dos pais, adoecimentos no seio familiar, perdas de pessoas importantes⁵.

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou a percepção de adolescentes sobre o processo de adolecer. Dessa forma, emergiu o entendimento acerca da adolescência como um período que solicita maturidade, responsabilidade, autonomia, respeito aos limites, amadurecimento das ideias e atitudes, no qual a importância da confiança por parte de seus pares e familiares se destaca, pois o adolescente está se desfazendo de comportamentos infantis e transitando para a fase adulta, o que o torna mais valorizado no seu meio de convívio.

Os adolescentes demonstraram necessidade de respeitar limites, como em relação a ambientes e modos de se comportar, solicitando-os aos seus pais, por não estarem suficientemente maduros para tomarem decisões. Tais limites devem ser negociados entre ambas as partes, para não ocasionar sentimentos de repressão nos adolescentes que buscam o seu processo de independência.

Entre as dificuldades vivenciadas pelos filhos, a separação dos pais foi caracterizada como um momento de sofrimento, solidão, desesperança, busca por respostas frente à situação vivida e mudanças no modo de ser, comportar-se e estabelecer relações com os outros. A separação dos pais foi relatada pela metade do grupo pesquisado, mostrando a relevância do tema, que pode ser discutido na escola e durante a

consulta de enfermagem. Tal diálogo poderia ajudar o adolescente a expor seus problemas familiares de modo a não apenas desabafar, mas também buscar maneiras de minimizar seu sofrimento e estratégias de enfrentar suas dificuldades.

Obteve-se um melhor entendimento acerca do adolescer e de suas peculiaridades na ótica dos adolescentes, podendo servir de subsídio para os profissionais e estudantes da área da saúde, como também para pais e filhos. E, principalmente, possibilita compreender o que, na percepção dos adolescentes, se faz necessário para reduzir dificuldades vividas, colaborando assim para o desenvolvimento saudável desses clientes. Esses conhecimentos são úteis e poderão facilitar o processo de planejamento, elaboração e execução de ações direcionadas aos adolescentes, bem como para o sucesso das iniciativas promovidas, o que contribuirá, também, para a redução de agravos à saúde dessa população.

REFERÊNCIAS

1. Kehl MR. A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes R, Vannuchi P. *Juventude e sociedade*. São Paulo: Perseu Abramo; 2004. p. 89-114.
2. Ferreira MA, Alvim NAT, Teixeira MLO, Veloso RC. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. *Texto contexto - enferm*. 2007; 16:217-24.
3. Senado Federal (Br). *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei Federal 8.069/1990. Brasília (DF): Gráfica do Senado; 1990.
4. Henriques BD, Rocha RL, Madeira AMF. O atendimento e o acompanhamento de adolescentes na atenção primária à saúde: uma revisão de literatura. *Rev Min Enferm*. 2010; 14:251-6.
5. Horta NC, Lage AMD, Sena RR. Produção científica sobre políticas públicas direcionadas para jovens. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:538-43.
6. Outeiral J. *Adolescer*. Estudos revisados sobre adolescência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2003.
7. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*. 2008; 24:17-27.
8. Ministério da saúde (Br). Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Conselho Nacional de Saúde. 1997.
9. Campos CJG. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*. 2004; 57:611-4.
10. Rozenberg R, Tendrih L. Adolescentes no Rio de Janeiro: educação, trabalho e riscos à saúde. *Adolesc Saude*. 2007; 4(3):33-6.
11. Cruz TJ. Adolescente, família e o profissional de saúde. *Adolesc Saude*. 2007; 4(3):45-50.
12. Heidemann M. Adolescência e saúde: uma visão preventiva. Para profissionais de saúde e educação. Petrópolis (RJ): Vozes; 2006.
13. Rocha CRM, Tassitano CMLM, Santana SJS. Acompanhamento da adolescente na família. In: ABEn. *Adolescer, compreender, atuar, acolher*. Brasília (DF): ABEn - Ministério da Saúde; 2001. p. 38-44.
14. Bahls S-C, Bahls FR. Depressão na adolescência: características clínicas. *Interação psicol*. 2002; 6:49-57.
15. Bahls S-C. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. *J pediatr*. 2002; 78:359-66.
16. Eizirik M, Bergmann DS. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Rev bras psiquiatr*. 2004; 26:330-6.
17. Zavaschi MLS, Satler F, Poester D, Vargas CF, Piazenski R, Rohde LA, et al. Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. *Rev bras psiquiatr*. 2002; 24(4):189-95.
18. Sprinthall NA, Collins WA. *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. 3ª ed. Tradução de Cristina Maria Coimbra Vieira. Lisboa (Po): Fundação Calouste Gulbenkian; 2003.